

Notícias de Barcelos

Director e Proprietario—João Batista da Silva Corrêa

Redacção e Administração
LARGO JOSÉ NOVAIS N.º 8
BARCELOS

EDITOR—ANIBAL BELEZA FERRAZ
PUBLICA-SE A'S QUINTAS-FEIRAS

Composição e Impressão
TIPOGRAFIA MARINHO
Telefone 123—BARCELOS

ESTE JORNAL destina-se, principalmente, a fazer lida em todo o rincão a doutrina do Estado Novo. Tem colaboradores que, devotadamente, se dedicam, todas as semanas, a propagandear os princípios da Renovação Nacional, levando a cada cantinho das nossas freguesias o que a Redacção julga de mais proveitoso.

E como esses adeptos do Estado Novo nem sempre tem os jornais de grande circulação para lerem e formarem o seu espirito em bases doutrinarias, julgamos nosso dever recortar um pensamento ou outro que pode ser útil tornar mais conhecido; e assim, por vezes, transcrições surgem mas que são da maior conveniencia divulgá-las.

Isto vem a propósito porque um leitor ou outro fez reparo, informaram-nos, julgando dever nosso prestar este esclarecimento, não vão conjecturar ser outro o motivo.

Demais, lendo atentamente essas transcrições, disto se convencerá o leitor do *Noticias de Barcelos*.

FUNDEARAM no Tejo, há dias, no quadro destinado aos navios de Guerra Portuguesa, mais duas unidades.

As aguas onde apodreciam os velhos barcos de guerra, desmantelados, a atestar a pobreza da Nação, balouçam agitados pela aragem do Tejo e vão bater de mansinho no aço blindado daquelas maquinas de guerra, como que a palmear o festivo acolhimento que elas tiveram ao vir ancorar nas aguas de Portugal.

O ar festivo de Lisboa foi sacudido pelo patriotismo, subindo alto, muito alto, a bandeira da Patria, num repto de desafio aqueles que trabalham na sombra para a fazer abater, roubando-lhe as côres e o emblema.

O sacrificio — e que grande tem sido ele! — dos Portugueses está bem patente nos já muitos vasos de guerra que dão mais brilho ás águas do nosso Tejo, mostrando evidentemente que todos nós acudimos á *ordem* de Salazar quando ele trabalha para engrandecer o nome de Portugal, mostrando ao Mundo que temos direito e o dever de ostentar uma Armada que seja digna do Estado Novo, do Estado Forte, *encorajando* a Pátria contra as arremetidas dos invejosos, dos sem Patria, daqueles que desejam vê-la subvertida na desordem, na anarquia.

O dinheiro do pesado e exgotante sacrificio dos Portugueses vai-se transformando, dando-nos, entre outras modalidades, uma Armada que prestigia internacionalmente o nome de *Portugal*.

VENIZÉLOS, o Chefe liberal da nova Grécia, chefia uma revolução que, diz ele, tem apenas por objectivo salvar a Republica.

Lê-se e custa acreditar.

Compreendia-se se eclodisse um movimento monarchico, e com ele, a Republica grega estivesse na contingencia de ruir; mas se não é assim, como explicar a atitude de Venizelos?

Este homem público é Alguem no seu Paiz, onde ocupou as mais altas situações, tendo sido recebido em varias Chancelarias.

Que dementada obsessão o levou a lançar a sua Patria numa convulsão fraticida, provocando uma repressão violentissima que, no final, vai custar a vida a milhares de gregos?

Outros Rumos

A Assembleia Nacional sancionou a proposta do Governo, mandando proceder ao arranque das vinhas em determinadas condições para assim fazer baixar a produção de vinho e ser possível vencer a crise de abundancia, com que se debate esse produto. Se essa resolução for cumprida e nada nos diz que o não seja com o rigor exigido pelo prestigio da lei, vão ser applicados a outras culturas grandes tratos de terrenos, presentemente consagrados á cultura viticola um pouco imprevidentemente, diga-se em abono da verdade. Tempos houve, porém, e ainda não vão muito distantes em que o vinho era sinonimo de riqueza certa, desempenhando esse produto de eleição na economia portuguesa e sobretudo na economia rural uma influencia decisiva.

Os tempos mudaram. A cultura da vinha desenvolveu-se por toda a parte e em todas as regiões do globo, embora com mais intensidade numas do que noutras. Em todo o caso, países como a Africa do Sul, a Australia, a Nova Zelandia, o Chile e até o Brasil, que ainda há poucos anos não produziam um bago de uvas, são hoje notaveis países vinhateiros, abastecendo-se não só a si próprios, mas fazendo ainda por cima uma importantissima exportação vinicola. Esse facto não podia deixar de afectar profundamente a viticultura europeia. E affectou-a, segundo parece, de forma irremediavel, porque nem só Portugal luta com uma super-produção vinicola. A França e a Espanha, para não irmos mais longe, experimentam-lhe por igual as consequencias sem atinar com os remedios capazes de as neutralizar.

Estamos, por consequencia, em face duma crise mundial do vinho, o que importa dizer que não podemos contar com o auxilio alheio para a resolver e dominar. Ou lhe encontramos remedios em nossa própria casa ou nos resignamos a ver tombar em ruinas aquilo que foi uma das maiores riquezas nacionais. Conduzirão aos resultados desejados as leis votadas nesse sentido pela Assembleia Nacional? Oxalá que sim.

A experiencia em marcha, ditada pela lei, tem de ir por diante. E, em virtude dela, vão ser postas ao sol num espaço de tempo relativamente curto muitos milheiros de cépas, considerados a mais, reputados desnecessarios á produção vinicola nacional. Pergunta-se: que applicação contam os proprietarios dos terrenos, a despojar das vinhas condenadas, dar a esses mesmos terrenos? Consagrá-los-hão á cultura cerealife-

CUBA vive horas aflitivas, ruindo estrondosamente a Ordem ao som das patentes bombas que rebentam momento a momento, destruindo e matando, numa dementada furia de extermínio.

Pelos jornais de grande informação temos acompanhado aquela anarquia, fomentada pelos comunistas, numaancia de conquista do Poder, sem olhar aos meios.

A situação é a mais grave dos últi-

ra? Semeá-los-hão de trigo? Se o fizerem, sairão duma dificuldade para se lançar imprevidentemente noutra. O sr. presidente do Conselho ainda há dias o disse na sensacional entrevista, concedida a este jornal: a crise cerealifera é mais grave do que a do vinho. Será bem mais difficil de resolver, porque enquanto o vinho pode aumentar facilmente o seu consumo, quer na metropole, quer nas colónias, o trigo não está nessas condições.

Seria, por consequente, rematada imprudencia destinar á cultura cerealifera e muito principalmente á do trigo os terrenos, de magnifica qualidade quasi todos, que vão ser despojados dos vinhedos, presentemente a revesti-los. A que consagrá-los então? Haverá ainda em Portugal um ramo da industria agricola, uma modalidade na exploração da terra, que se encontre na sua infancia e que convenha desenvolver com a certeza de se colherem bons resultados economicos? A industria pomicola, a plantação e a exploração de pomares deve encontrar-se nessas circunstancias. Os proprietarios dos terrenos a subtrair á cultura da vinha que lancem nessa direcção as suas vistas. E, se o fizerem com intelligencia, se se entregarem a essa tarefa com metodo e de harmonia com os modernos principios a reger uma pomicultura sensata, é de crer que não deem por mal empregado o seu tempo.

Enquanto o mercado nacional está saturado de vinho e de trigo, as frutas se não faltam quasi por completo, são tão escassas e simultaneamente de tão deficiente qualidade, que por isso mesmo e por se venderem a preços só acessiveis aos ricos bem podem considerar-se manjares de privilegiados. Multiplicar os pomares, cuidar deles com o carinho usado no estrangeiro pelos pomicultores que souberam industrializar essa actividade interessantissima, seria popularizar as frutas, barateá-las, levá-las á mesa de ricos e de pobres, criar enfim uma nova fonte de riqueza, que até agora, por desleixo e talvez um pouco pela absorvente obsessão da vinha, tem estado quasi totalmente desprezada. A pomicultura pode vir a compensar os vinhateiros dos prejuizos que lhes causou a super-produção do vinho em que o País se debate. Porque não hão-de aqueles que o puderem fazer dirigir nessa direcção a sua actividade? A experiencia parece-nos tentadora.

mos 50 anos; fazem se prisões em massa e as cadeias regorgitam de presos.

Nem o coronel Bautista, o heroico revolucionario, o Chefe duma revolução que celebrou Cuba, tem conseguido exterminar o virus comunista, impotente para submeter os companheiros de ontem e daí ameaçar os revolucionarios com a *intervenção* dos Estados Unidos.

Quem havia de dizer!

O REINO DE SIÃO tinha um Soberano que, ha dias, após uma indecisão inquietante para os seus subditos, resolveu abdicar e deixar-se ficar pela Inglaterra, na vida tranquila com a sua Augusta Esposa.

Mas, previdente como deviam ser todos os Reis, quando ainda governava tranquilamente o seu Paiz, procurou algumas companhias de seguros contra o Desemprego, francesas e inglesas, e fez-se inscrever contra a possibilidade de vir um dia a perder o trono.

Agora reciamas dessas companhias o seguro, ao abrigo das condições das apolices; são nada mais nada menos que dez mil libras anuais, cerca de mil e duzentos contos.

Chega bem para viver, ainda mesmo que seja um Rei sem trono e sem côrte.

ATRAVEZ as noticias dos jornais sente-se o entusiasmo com que foram recebidos no Porto os heroicos aviadores do Dilli que, numa visão feliz de acendrado patriotismo, levaram nas azas do seu avião a alma da Pátria, á colonia mais longinqua, perdida nos confins do Mundo, onde nunca poisára, ruflando as azas em ritmo resfolgante, o coração de Portugal levado pelo azul imenso do Infinito.

O Porto sabe receber como ninguém, pondo sempre uma nota vibrante nas suas festas, cheias de brilho e elegancia, cobrindo de gentilezas os que sabe merecerem tal Honra.

Humberto Cruz e Antonio Lobato viveram, com certeza, horas de alegre comoção como ainda não tinham sentido.

Um bravo ao Porto, Cidade Invicta e Lial.

DOIS SABIOS inglezes inventaram um aparelho que faz o registo fotografico e sonoro das vibrações da actividade do cerebro humano.

Foram os conhecimentos actuais da micro-electricidade que tornaram possível o estudo e a execução do aparelho que regista sobre um filme, simultaneamente, amplificacões visuais e sonoras das varias amplitudes das ondas cerebrais.

Até agora os dois sabios inglezes limitaram-se a registar, ampliar e a reproduzir em gráficos as vibrações da actividade duma parte do cerebro, que se manifestam por movimentos das palpebras. Aplicam-se uns electrodos, ligados ao aparelho, sobre o crânio do individuo sujeito á experiencia, que tem os olhos fechados e se esforça por se conservar em repouso cerebral completo. Produzem-se então descargas regulares de verdadeiras ondas hertzianas, de natureza infinitesimal, num ritmo de 10 por segundo, pouco mais ou menos. Mas desde que o paciente, a pedido dos inventores, se concentra num pensamento profundo, as impulsões aceleram-se e atingem a cadencia de 2.000 por segundo.

Ficou também pelas experiencias estabelecido que a maior parte das celulas cerebrais estão inactivas no decurso dum trabalho mental.

Por tudo isto se vê que, mais cedo do que muitos julgam, não irão ter, para os sabios pelo menos, segredos os pensamentos mais reservados dos homens.

E no dia em que isso aconteça, ou a vida se transforma, ou... vai ser um pavor.

A Torre de Menagem

III

É positivo que em Portugal se começou a olhar para os «Monumentos» como sendo alguma coisa de precioso e de venerável, crescendo a opinião, não só entre os elementos cultos mas até nas camadas populares, de se conservar e restaurar a riquíssima colecção de velhos edificios e de ruínas decrépitas que possuímos representando valores autênticos como documentação arqueológica, como lição histórica e até como elemento de immediato interesse para as populações. E temos um excelsional espólio ao ponto de Marcel Dieulafoy («*Espagne et Portugal*», 1913) ter notado que «mais ainda do que o próprio centro da Espanha, me receria Portugal o nome de Castela» e já antes Giner de los Rios («*Portugal*», 1888)—este um espanhol—asseverou que «exceptuando as margens do Reno, será difícil encontrar em parte alguma tão grande número de castelos», atestando o talento e a audácia construtiva dos portugueses dos séculos XII a XV e «em comparação com os quais—confessa o ilustré escritor inglês Martin Hume (*Through Portugal*, 1907)—a maior parte das fortalezas feudais da Inglaterra são bem inferiores».

Não sei bem mas parece-me que este ressurgimento, em fase executiva, se deve aos efeitos, em fase conceptiva, de longa preparação começada por Alexandre Herculano e pelo rei-consorte Fernando de Coburgo; aquele firmou os alicerces do estudo *acertado* da História Nacional criando nova escola de interpretação do documento e do monumento, el-Rei D. Fernando II fez inenarrável divulgação dos valores históricos portugueses e *despertou-nos* com a construção do Castelo da Pena (Sintra) que, embora seja um aglomerado fantasista dum architecto alemão (o Barão de Eschewege), foi talvez a primeira edificação moderna de vulto para a qual se aproveitaram elementos retintamente nacionais.

Evidente é que a passagem da *concepção* à *execução* tem sido, como em todas as mutações do sentir colectivo acontece, acentuada por exaltações, incertezas, muitos erros mesmo, quer por efeito do longo desinteresse anterior, quer pela acumulação crescente de problemas, que a cada passo surgem na já vastíssima rede de restauros abrangendo a bem dizer o País quasi todo. Sejam pois razoáveis, não passemos além do que realmente cada um é e sejam quais forem as intenções deste ou daquele, o justo equilíbrio um dia virá. A demasia erro é e portanto inútil!

Vimos que a *exploração* da Torre de Menagem de Barcelos indica ter sido a povoação fortificada antes do século XV; salvo erro quem primeiro teve a intuição da verdade histórica foi o falecido investigador Senhor Dr. António Ferraz no seu estudo «Barcelos Militar» (*Barcellos Revista*, 1909, n.º 4 e 5) e devo prestar homenagem ao seu agora comprovado senso critico a esse respeito.

O meu consócio Senhor Luís de Pina («*O Castelo de Guimarães*», 1933, pgs 14) define a evolução porque passou o afortalecimento de Guimarães por uma forma que prende o espírito ao estudar-se problema semelhante para Barcelos: a povoação muralhada no século XIII, reforçada e torreada nos séculos XV--XVI. E vejo ligação desse facto com a construção da primeira Ponte, que substituiu a remota Barca a jusante daquela e talvez localizada no antigo Cais da Fonte de Baixo. Com efeito estando documentalmente provado (*Mons. Ferreira*, «*Fastos da Primacial*», II pgs. 136 e III pgs. 231 e 232) que a Ponte já existia no ano de 1328, vejo viável a hipótese de que Ponte primitiva e Muros do século XIII serão contemporâneos, justificando-se mutuamente. E surge uma pergunta interessante: estará certa a panorâmica de

Barcelos progride?

Como todas as revoluções politicas, denominadas da esquerda, ou populares, a revolução republicana de 1910, remexendo a aguas turvas da sociedade portuguesa, fez aparecer ao de cima em todos os campos, elementos, cuja posição no equilibrio social, onde cada um deve ter o seu lugar util, era, notavelmente, abaixo da superficie. Depois, a cada oscillação da democracia, a cada lufada de vento demagogico, correspondeu, como era natural nova flutuação dos tais elementos de baixo, alguns tão de baixo que vinham das proprias camadas de lodo, do fundo.

Ora se assim aconteceu, de baixo a cima, em total inversão, que mal chegou a ser corrigida em curtos periodos de reacção, ou de calma relativa, não é de admirar que os efeitos ainda hoje se façam sentir.

Nas terras de provincia, meios pequenos em que muito reduzida é sempre a minoria imperante, mais se fez notar o fenomeno, e mais se fazem notar as consequencias, resultando delas prejuizo para as localidades, quer para o seu desenvolvimento, quer para o seu pacifico bem estar, quer ainda para o conceito fóra do seu meio restricto.

Barcelos é terra portugueza, e o equilibrio de posições sociais, perturbado pelos reflexos locais das agitações politicas passadas, ainda está muito longe de ser alcançado.

Os desvios de visão, atingindo até as camadas superiores, teem contribuido para a natural dificuldade em «meter na forma» quem dela saiu, ou já foi creado em estado anarquico e chega, por isso, a desconhecer que a «fórma» existe.

—Dos factos apontados tem resultado, e resulta ainda, a flutuação, no ambiente barcelense, de erros, de deformações visuais perturbadoras do necessario equilibrio, condição de actividade produtiva.

A mal ehamada politica malabarismo politiquero, filho de ideologias mal comprehendidas, mas professadas com primarismo faccioso, e, ás vezes, filho tambem de vulgar ambição de mando ou de aspirações interesseiras, a tal politiquice tem sido optimo caldo de cultura para a inversão, a baralha de posições.

O «politico», e mais o «politico» provinciano, no exclusivismo absorvente do seu objectivo pessoal, lança mão de todos os meios, e deles não é o menos usado a exploração dessa baralhada de posições, dessa desorientação dos espiritos e das actividades, em que se inutilizam elementos que, aproveitados devidamente, e em seu lugar proprio, seriam valores muito apreciaveis, porque, dito seja de passagem, todos teem aproveitamento, no respectivo logar proprio, sendo, fóra dele, os melhores, além de inúteis, perniciosos.

—Uma das consequencias, e, por certo, das mais lamentaveis, é a aqui-estúpida formula bairrista que, ás vezes, nos aparece fazendo distincção entre barcelenses e não barcelenses, distincção que chega a atingir o inconcebível em materia de disparate e de má creação.

Toda a terra de provincia só tem vantagem na fixação de novos elementos, e mais se eles representam valor por cultura, posição, meios de fortuna, etc. E' mesmo a unica forma de compensar a perda natural da-queles que exporta indo fixar-se noutras terras. E ha, ainda, a conside-

rar que tais elementos veem, quasi sempre, lavados por outros ares, tendo aprendido aquilo que o contacto restricto do meio local não pode dar.

Pois, em Barcelos, nota-se a má vontade de certos individuos, de certos grupos, contra essa possibilidade de novos barcelenses! E porquê? Porque os recenvindos, não influenciados pela deformação local, trazendo visão equilibrada, não sancionam inversões ou baralhas, e dão a cada um o tratamento a que tem direito.

Ora esta voz de: «p'rá forma», destoante no meio de transigencias, motivadas, Deus sabe, tanta vez, porquê, é atterradora, e, perante ela, conceitos falsamente creados desfazem-se como bolas de sabão.

E' por isto que aparecem, de vez em quando, certas berrarias de bairrismo.

E' o atrevimento da ignorancia, a manifesta animadversão do illicito, do irregular, do deslocado, contra o licito, o regular, o correcto, o que está onde, e como, deve estar.

Estado de ineducação ou deseducação, estado de grosseria, de má creação, é o atrevimento, desconhecido de toda a noção de distancias, com que, em Barcelos, temos todos visto certa gentinha fazer referencias ou apreciações só admissiveis na mais anarquizada das sociedades, e, ainda nestas, sómente em periodos agudos de agitação revolucionaria em que as turbas, ébrias, perdem todas as noções limitadoras e condicionadoras dos baixos instintos.

—Vão mais longe do que, á primeira vista, pode parecer, os efeitos reflexos da baralha referida.

Exemplo, entre muitos, é certa má vontade, mais ou menos disfarçada, que, ali e acolá, se nota contra a intervenção das entidades officiais no restauro e conservação dos monumentos, intervenção que pode ter defeitos mas que sempre dá mais garantias do que a livre expansão de ciencia improvisada sobre base de notavel incultura.

—Impessoais são estas considerações que a fria analyse das realidades barcelenses sugere.

Em tempos, não ha muito idos, Barcelos era terra que prendia interessadamente os magistrados, os funcionarios que, por serviço publico, para aqui vinham. Não poucos aqui se fixaram, e outros quizeram manter casa em Barcelos, ainda depois de transferidos para outra terra.

Nos tempos de agora, todos querem a menor demora. Mal chegam, só pensam em retirar-se, e a maioria nem as familias chega a trazer. E todos acham a terra linda, muito linda.

E porquê? Pela mesma razão que, pretextando... necessidades de educação de filhos (que tambem existia em tempos de menos facilidades de comunicações), varios, e até barcelenses de raiz, teem deixado Barcelos.

Muitos, muitos, são os efeitos de certos mentideiros de má lingua grosseira e venenosa e de hiper-criticismos tão vãos de sentido como malcreados e odientos.

E' preciso um exame de consciencia colectivo, e um proposito de, varrendo preconceitos e habitos viciosos, entrar decididamente em vida nova, desempoeirada, sã, equilibrada, cada um no seu lugar, com lealdade e com verdadeiro affecto localista.

Só para isso é que escrevo estas linhas.

J. P.

FESTAS DE CRUZES

Tomou posse, e realizou a sua primeira reunião, na semana ultima, tendo reunido novamente na semana corrente, a Sub-comissão de Festas, organismo de caracter permanente, integrado nos serviços da Comissão de Iniciativa e Turismo, e de sua nomeação.

Os srs. Miguel Miranda e Francisco Torres, muito dignos presidente da Camara e Administrador do concelho quizeram ter a deferencia da representação pessoal das respectivas entidades officiais, pelo que lhes foram apresentados os agradecimentos e apreço da Comissão de Iniciativa.

Além destes srs., e do presidente da Comissão de Iniciativa, a Sub-comissão de Festas é composta pelos srs. dr. Miguel Fonseca (Sub-comissão Cultural), João Cruz (Sind. Agricola), Joaquim C. de Azevedo (Associação Commercial) e Emilio Moreira (Sindicato Nacional dos Empregados no Comercio).

Nos termos do respectivo regulamento organico foram eleitos presidente, secretario e tesoureiro privativos da Sub-comissão de Festas, respectivamente os srs.: dr. Miguel Fonseca, João Cruz e Joaquim Azevedo.

Além da troca de impressões relativa á sua orientação quanto a festas em geral, encetou os trabalhos preparatorios para a realização das Festas de Cruzes no corrente ano, tendo em vista como organismo permanente, que é, não só as Cruzes de 1935, mas tambem o seu desenvolvimento futuro.

Não só pelo agrupamento de interesses que representa a criteriosa organização da Sub-comissão de Festas, creada pela Comissão de Iniciativa e Turismo de Barcelos, mas tambem pelas pessoas que a constituem, podemos dizer, em tradução da celebre frase inglesa, que está: cada um no seu logar.

SOCIEDADE

Aniversários
Fazem anos

Dia 16—os srs. P.º Antonio Vila-Chá Esteves, Dr. José da Graça Faria Junior, Manuel Dias Fernandes e António da Quinta Fernandes.

Dia 17—os srs. Dr. Fernando Salazar e João de Araujo Coutinho.

Dia 18—a sr.ª D. Maria Amelia de Araujo Passos Barros e a menina Maria José Miranda Aviz Pereira de Brito.

Dia 19—os srs. P.º José de Faria Coelho, João Duarte Veloso e José de Araujo Coutinho.

Dia 20—o sr. Prior Joaquim Alexandre Gaiolas.

missão resultou um «códice membranaceo» de 136 fôlhas, arquivado na Torre do Tombo, contendo as *vistas* à pena de 56 povoações muralhadas e do Paço de Sintra. Ora se estão *certas* as panorâmicas estudadas e comparadas, se—por exemplo—a *vista* do Palácio Real de Sintra é considerada um documento valiosissimo (*Sabugosa*, «*O Paço de Sintra*», 1903), porque motivo hei de manter a *vista* de Barcelos, feita por Duarte Darmas, vítima da *errátomania* que por aí circula iludindo os incautos? Não está provado que—por exemplo—a abóbada da Capela-mór da Matriz-Colegiada só foi construída em 1504? Por que razão hei-de supôr que a *Ponte* de cinco arcos já estava assim reformada na primeira década do século XVI? *Est modus in rebus!* São raciocínios destes que provam como é contingente o exame de problemas históricos, que se não resolvem com artimanhas, recortes de periódicos, enxertos mal feitos de livros que... se não citam e deturpações de documentos que se não sabem lêr!

Barcelos, 10 de Março de 1935

José de Mancelos Sampalo

Da Associação dos Arqueólogos e Delegado dos "Monumentos Nacionais," em Barcelos

Duarte Darmas que figura a *Ponte* com catôrze arcos?

Duarte Darmas, *escudeiro com assentamento* nas «Moradias da Casa

Real» (Souza, «*História Genealógica, Provas*») foi incumbido por el-Rei D. Manuel 1.º de por 1507-1508 registar as principais fortalezas do País; dessa

O PASSADO E A ECONOMIA

É costume de muita gente debruçar-se embevecida sobre os factos passados, reportando-se a acontecimentos da nossa história, desvanecidamente, como se a época actual ou o futuro sejam os mesmos daquele tempo. A forma de viver, a transformação económica, o aceleramento da própria existência e até a formação intelectual e moral dos povos são em outros e os fenómenos sociais sucedem-se tam repentinamente, que é necessário legislar para o futuro, acautelando, prevendo, de maneira que das surpresas sejam atenuados os seus efeitos.

A mania de irmos invocar como testemunho, ou servir de argumento aquilo que aconteceu no tempo de D. Afonso Henriques, é toleima. De ano para ano verifica-se que nova directriz é necessário dar a esta ou aquela função social, quer pelas condições económicas nacionais e mesmo internacionais, quer pela perfeição das maquinas e sua produção ou de qualquer outra célula desta complicada engrenagem, que é a vida.

É portanto disparate fazer comparações com o passado, ou criticarmos levianamente a legislação, sem termos em conta o momento que passa, ou o que pode surgir.

O que aconteceu com vinhos é um exemplo flagrante e não quero perder tempo nem roubar espaço ao jornal com este assunto demais já debatido, mas cito-o como exemplo. Quando o individuo sente os primeiros males de doença grave, deve sem demora procurar o médico para que ele possa diagnosticar e tratar de lhe aplicar os remedios necessarios. Si, porém, o doente se desleixa e aguarda que o mal se agrave, o médico, por mais esforços que faça, é lhe difficil salvá-lo e quantas vezes só o consegue com uma operação dolorosa e cara. É o que acontece com uma grande parte dos nossos erros, formados lentamente pela anarquia da produção, sem o sentirmos. O que acontece com vinhos dá-se com trigos e dar-se-há amanhã com outros productos, se a economia não fôr dirigida convenientemente, acautelando interesses, regulando plantações ou sementeiras. A crise da abundancia traz mais funestas consequências e desequilibrio, do que a falta.

Reconhe-se que há uma imperiosa necessidade de regular, de orientar, de forma que a super-produção não traga os seus efeitos de baixo preço e falta de colocação. Habitados a produzirem tudo aquilo que lhes apetece, tanto o lavrador como o industrial cairam num lamentavel erro que, se a legislação lhes não acode, cedo veremos os seus efeitos perniciosos. Com o comércio succede outro tanto. Há estabelecimentos de negócio a mais do que os necessários, repartindo-se as transacções, estabelecendo concorrência desenfreada e louca com gífra de negócio a menos e baixa de lucro, agravando ainda com aumentos de despesa. Atrofiada assim a economia, caminha-se para a ruína colectiva.

Quer queiramos quer não, a liberdade de acção tem que desaparecer, para que cada um trabalhe dentro dum determinado regulamento e não faça aquilo que lhe apetece. Não se trata de coartar os direitos de cada um, nem atentar contra a sua liberdade, mas unicamente disciplinar dentro de certas bases o funcionamento das diversas actividades, de maneira que se não repitam os erros bem visiveis do vinho e do trigo. Pecam portanto por inoportunas certas opiniões de interesse individual ou local, que pouco valem em relação ao país ou á colectividade e os argu-

UNIÃO NACIONAL

Deveres das Comissões Paroquiais

Todos os membros das Comissões de freguesia da União Nacional são pessoas que abraçaram, defendem e servem, a politica da Ordem e do Progresso da Nação. São, portanto, pessoas que bem compreendem a alta missão que lhes foi confiada, e a que deveres morais ela obriga.

Os homens que servem nos quadros da União Nacional, são, certamente, os primeiros que se afirmam Nacionalistas, contrarios á politica dos «partidos», os primeiros que condenam a politica de «grupos», os primeiros que consideram necessaria, por patriotica e moral, a politica que serve todos os interesses da colectividade, os interesses comuns—todos que não contrariem o que á Nação interessa, porque é da Nação o interesse comum dos portugueses.

Pertencer aos corpos dirigentes da União Nacional é o mesmo que aceitar um posto de obediencia incondicional aos principios que este organismo proclama e defende—e que serve.

Preferivel seria não aceitar o cargo a ter de servi-lo mal.

Todos que estamos na União Nacional constituimos um só todo, homogenio, indivisivel. Não nos partimos. Não nos desagrupamos. Não nos dividimos, seja em que circunstancias fôr.

Podem, os que não queiram ou não saibam obedecer aos principios de coesão e de homogeneidade e de disciplina e de moralização politica que a União Nacional defende e serve, servindo a Nação, servindo o Interesse Nacional, servindo a Paz, a Ordem e Progresso nacionais—podem esses deixar de pertencer á União Nacional, porque não podem servi-la como devem, como o exige o espirito de bem servir que lhe dá vigor e harmonia. A União Nacional é que não mudará de orientação nem servirá caprichos nem vontades individuais.

A União Nacional tem de ser superior á politica de caracter pessoal,

tem de propagar e servir a politica da consciencia, tem de servir devotadamente, carinhosamente, a politica em que cabem todos os animados de espirito patriótico, servindo o Bem da Nação.

Não ha partidos, não ha grupos, não ha caprichos nem interesses pessoais, adentro da União Nacional. Dentro dela ha a atender o interesse comum, que representa o interesse de todos os portugueses, o interesse da Nação. A União Nacional não apoia nem quer governos partidarios. Apoia e quer Governo Nacional.

Tambem nós, nos nossos concelhos, nas nossas paroquias, não queremos autoridades nem administrações partidarias. Queremos autoridades e administrações nacionais—que se entreguem, e tenham a preocupação, de bem servir e zelar o que a todos interessa.

Mas se há uma minoria a quem interesse a desordem politica e administrativa, é claro que não vai a União Nacional zelar esse interesse, antes irá condena-lo, combate-lo, inutiliza-lo, por que é anti-patriótico e contrario ao bem da comunidade.

As Comissões Paroquiais da União Nacional devem considerar-se, nas freguesias, as representantes mais directas do pensamento nacionalista, resumido no Bem da Nação. E, com as Comissões Concelhias ou Municipais, essas Comissões Paroquiais constituem um organismo forte, disciplinado, util á Nação, util á Familia.

É mister que todos que servem nas Comissões de Freguesia da União Nacional não estejam de braços cruzados.

Organizem, na sua freguesia, a União Nacional, fazendo saber o que ela quer, o que ela é. Promovam que todos os bem intencionados da freguesia se inscrevam na União Nacional.

Tem muito que fazer, os membros das Comissões de freguesia da União Nacional.

É bastante que queiram bem servir o cargo e a causa da Nação.

Mário Silveira

Museu arqueologico

Devido aos trabalhos da Sub-comissão Cultural, da Comissão de Iniciativa e Turismo, serão, em breve, collocadas no Museu instalado nas ruínas dos Paços dos Condes de Barcelos, uma pedra de armas, um fragmento de pedra com lavores, e as imagens de pedra pintada que ornamentavam a fachada da demolida igreja dos Terceiros.

Segundo tambem nos consta, os trabalhos de inventario a que estão procedendo sob a orientação investigadora do sr. dr. Teotónio da Fonseca, presidente privativo da referida Sub-comissão, legitimam a segurança de que o futuro museu, a instalar na Torre de Menagem, ha-de, desde o inicio, oferecer um conjunto de merecimento, além do valor da sala «Alcaides de Faria», destinada exclusivamente ao museu daquela associação.

mentos não colhem, se atendermos ao momento actual, que não é o mesmo de há dez ou cem anos. Temos que pôr de lado tudo o que passou e enfrentarmos o presente e prevendo o futuro, adaptarmo-nos ás circunstancias e acompanharmos a evolução dos fenómenos sociais e não ficarmos a olhar o passado, a recordar factos e coisas doutros tempos, que na actualidade postas em pratica, falhariam por completo.

R.

JARDIM PUBLICO

A Comissão de Iniciativa, de accordo com a Camara Municipal, projectou a execução do alinhamento e bordadura dos passeios laterais da alameda do Campo cinco de Outubro, antigo jardim publico, e transformação do actual corêto, querendo conservar o maximo possivel das arvores, cuja colocação actual é incompativel com as obras projectadas, por mais que, no projecto fosse procurado sacrificar apenas o minimo indispensavel de arvores.

Como a natural demora nos transmite officiais, que tem de anteceder a execução das obras projectadas, fosse além da epoca em que é possivel a transplantação dos exemplares, que, dessa forma, podem ser aproveitados, foi feita essa transplantação que mostra bem como nem sempre significam instintos arboricidas o arranque de arvores, significando, ás vezes, até verdadeiro apreço pela arborisação, pois o apreço, para ter merecimento, precisa de ser inteligente.

Farmácias de serviço

No próximo domingo e durante a semana estão de serviço permanente as farmácias de Carlos Ramos à Rua Barjona de Freitas e J. Alves de Faria em Barcelinhos.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

O antigo Tronco ao Apoio

Na Imprensa local, a propósito dum lição bem dada pelo Senhor Leopoldo Carmona, foi citado o meu nome e copiaram-se opiniões minhas de há dez e oito anos. Efeitos dos tais elementos que então me forneceram para escrever a História de Barcelos! Como acentuei, há bem pouco tempo, a crítica histórica evoluciona de dia para dia; no caso estudado o que vivamente interessa é a crescente probabilidade (certeza quasi) de que um *di-zer* lançado há um século e passado de bôca em bôca, copiado e aceite por varios, de uns a outros, *sem verificação*, não traduz—á face de documentos até agora por estudar—a verdade histórica. E a respeito de documentos, quem de direito elucidou-me de certa *trapalhice* a desmascarar porque é indispensável a Historia não pode continuar a consentir-se feita a copiar os outros, *sem citar autores* e com fragmentos intencionalmente (e mal) alinhavados (e com que *linha!*) para *armar ao efeito* e para *certos efeitos* que nada conseguem. A verdade sempre ao de cima vem e isso é fácil e rápido logo que se queira.

Barcelos 10 de Março de 1935.

José de Mancelos Sampaio
Da Associação dos Arqueólogos.

Cartões de visita

Imprimem-se com perfeição e rapidez na tipografia deste jornal

COMO EVITAR A GRIPE?

É tendencia geral dos homens atribuir propriedades e virtudes exageradas a medicamentos, como se ainda no estado selvagem se prostrassem perante toscos idolos de pau. E é assim que encontramos hoje pessoas de bem, respeitaveis e cultas, trazendo na algibeira um frasquinho, cujo conteúdo aspiram de vez em quando, acreditando que isso os livra da gripe. São os inalatórios. Mas há tambem os digestivos, os que se fiam em que, sendo a gripe uma doença que enfraquece, ela não atacará senão quem a defronte de ventre vazio. Há, é claro, e são muitos, os que têm confiança no alcool e esses estão, pelo menos, certos de que receberão a gripe com alegria, se não pertencem ao numero das pessoas que entristecem na embriaguez.

Devo dizer que só podemos deminuir as possibilidades de adoecer com gripe defendendo o órgão que ela preferentemente ataca. O facto de a considerarmos como uma doença microbiana não impede que reconheçamos que ela aparece no tempo em que a temperatura e outras condições atmosféricas, com as suas bruscas e intensas variações, sujeitam o aparelho respiratório a estímulos que vão além do que comporta a sua resistencia habitual. O que é necessário, quando o inverno aperta com a sua brutalidade, é deminuir quanto possivel a exposição ao seu rigor. Com vestuário adequado, decerto, mas não vasta o vestuário, porque o ataque se faz tambem pela propria superficie respiratoria, visto que a cada respiração introduzimos ar frio nos bronquios. Bem sei: todos temos que trabalhar, que fazer a nossa vida. Mas é de boa pratica não nos expormos por mais tempo do que o exigido pelo nosso trabalho.

É claro que estes cuidados a ter durante o rigor do inverno não devem ser pelo menos na gente nova, levados para a pratica corrente de todo o ano. Porque é preciso aguerrir os nossos órgãos, isto é, torná-los, pela pratica quotidiana, insensíveis ás pequenas variações de temperatura e de humidade. Há mães de tão meticulosa ternura que, com seus excessivos cuidados, prejudicam seus filhos.

F. Mira

Nada de confusões

Há apparencias que podem ser mais comprometedoras do que as proprias realidades. A circunstancia de parecer que a carestia da vida é uma consequencia directa e inevitavel do Estado Corporativo basta para desfalcá-lo o corporativismo numa boa parte da sua autoridade e do seu prestigio. E' essa apparencia inquietante que não pode persistir. Sobre ela e para a arredar de vez da zona onde se desenvolve a nova politica portugueza tem o Govêrno de fazer incidir quanto antes os seus fogos de barragem, para que a confusão não se avolume nem se desacredite o que só pode viver e crescer numa atmosfera isenta de miasmas. Se há especuladores, também há cadeias. Se há quem julgue que o povo, êsse pobre povo que mal ganha para comer e anda vestido de farrapos, lhe deve fazer presente do seu proprio sangue, também deve haver meios eficazes de fazer mudar de opinião quem se obstina em recolher do seu trabalho mais do que honestamente lhe pertença.

Seja como fôr, o problema posto na sua entrevista pelo sr. presidente do Conselho é duma gravidade singular. Carestia da vida justificada, filha de factores economicos ou sociais idomeas, tem de ser uma coisa e Estado Corporativo tem de ser outra. O que é preciso, o que é urgente é definir-lhes claramente as fronteiras. O País tem o direito de saber porque sobem de preço certos artigos e generos alimenticios, para poder fazer justiça a quem a merecer e castigar com o seu desprezo quem abusar da sua paciencia e da sua bolsa. O sr. dr. Oliveira Salazar sabe o que o povo sofre para viver. Protegê-lo contra a ganancia é uma autentica obra de misericordia. Proteja, pois, o povo até onde puder, sr. presidente do Conselho. Fazendo-o a sua intervenção vai ainda mais longe, porque defende o Estado renascido e renovado de quantos por cupidéz ou por politica queiram desacreditá-lo.

Do «Século»

CORPO DE DEUS

A Sub-comissão de Festas da Comissão de Iniciação e Turismo ao resolver, conforme noutro lugar noticiamos, que as festas de Cruzes, no corrente ano, se reduzam ao dia da grande feira, a fim de no proximo ano poder realizar festas de rmaio grandeza, — resolveu também promover a realização da Procissão do Corpo de Deus, fazendo reviver a velha tradição barcelense, e dando a Barcelos mais um dia de extraordinaria affluencia de visitantes em dia de feira, que a Comissão de Iniciação, conforme também noutro lugar noticiamos, pediu á Ex.^{ma} Camara seja declarada feira franca.

Esta resolução é muito do agrado não só das forças vivas locais, cujas representações constituem a referida Sub-comissão de Festas, mas também de todos os barcelenses.

FEIRAS FRANCAS

A Comissão de Iniciação e Turismo, na sua ultima sessão ordinaria, resolveu solicitar da Ex.^{ma} Camara Municipal que sejam declaradas feiras francas não só a feira de Cruzes, mas também as de Quinta feira Santa e Quinta feira do Corpo de Deus.

As feiras de Barcelos constituem, como a feira semanal, um dos maiores elementos de atracção turistica, sendo necessario olhal-as carinhosamente, e empregar todos os meios não só para evitar a sua decadencia, mais ainda para valorisal-as, como procuram fazer em redor de nós.

O voto da Comissão de Iniciação merece todo o aplauso e o comercio local não deixará de dar-lhe todo o apoio.

Repressão da mendicidade

Tem-se dito e redito que este problema da repressão da mendicidade é daqueles cuja solução mais urgentemente se impõe. E tem-se feito reuniões, e tem-se dito que a solução foi achada, que está mesmo muito bem achada, mas a verdade, em toda a sua claresa, é que as ruas da nossa terra continuam a estar pejadas de *pedintes*, de bons e de maus pedintes, pois que entre eles ha muitos que são vadios de profissão, que nunca quizeram nem tiveram trabalho por que nunca o procuraram, ou até o regeitaram, e até ha falsos mendigos que andam por aí a tirar a esmola a quem precisa dela. E ha pedintes cuja profissão não foi nunca outra, e por isso são conhecidos como *moinantes*. . . e até por aí apparecem em certos dias de semana alguns que têm bens proprios e outros até dão dote aos filhos, quando se casam. . .

Isto, na verdade, é um problema muito custoso de resolver. Mas tem de ser resolvido, seja como fôr!

De mistura com os pedintes tem andado muito gatuno de profissão! E estes, quando encontram uma porta aberta, entram, como fizeram ainda ha dias aos srs. Armindo Miranda, solicitador, e Pereira, alfaiate.

E' necessario expulsar daqui essa gente que sem se saber de onde vem, se vai encobrando com a capa de mendigo, de operario sem trabalho, e recebe quando lhe dão, ou *pega* quando pode.

Vamos porem ao problema principal: *reprimir a mendicidade*. E' assunto estudado, diz-se: E sabemos que realmente, tem sido pensado e estudado. Mas quando se resolve?

Andem como quizerem—mas a nós parece que o melhor meio de ser resolvido o problema local, é mandar para as suas terras quem para aqui veio exercer a industria de pedinte, ficando cá aqueles que já ha muito tempo eram de cá.

E a estes, temos nós, os habitantes de Barcelos, *obrigação moral* de os sustentar.

Mas, meus senhores e minhas senhoras barcelenses: é bom que se entenda que a esses temos nós todos obrigação moral de os sustentar. Aos outros, que os sustentem aqueles que teem também obrigação moral de os sustentar.

Mas é contribuímos, de facto e de verdade, para a sustentação dos pobres da nossa terra. Cada um dentro do que pode, mas também de acordo com o que deve ser.

Não sei quando, mas não vai ha muito tempo que li, parece que até mesmo neste semanario, que a Sopa dos Pobres e o Pão de Santo Antonio distribuem, diariamente, uma refeição constituída por uma porção de pão de milho e um litro de supa, a um numero parecido com 130 pobres!

E também se leu que os subscritores mensais para sustentação desta obra, não chegam a dar mais que uns tristes mil e quinhentos escudos por por ano, se a tanto chega. E donativos, a não ser um ou outro em dinheiro, o que de vez em quando é noticiado, não sabemos a quanto monte esta receita, mas decerto não somará contos.

Em cereais, que donativos tem recebido a Sopa dos Pobres? Apenas parece que quem se tem lembrado de socorrer os pobres da Sopa do Pobres com milho que é transformado em pão, tem sido duas pessoas: o sr. Conselheiro Sa Carneiro e a Senhora da Silva!

A Sopa dos Pobres deve gastar, por ano, mais de 25 contos, e a avaliar pelo que se sabe, a sua receita normal não deve ser superior a 4, 5, 6. contos. Devem estar a gastar o resto de um donativo extraordinario. E, acabado ele, que se fará?

Não deixem, senhores barcelenses, chegar-se a isso. Acudam, a tempo, a manter e sustentar a Sopa dos Pobres, que tem sido um grande freio a manter certo respeito pelo alheio, e tem acudido a muito faminto!

Não é justo que todos estejam de braços cruzados a assistir a tanta miséria que vai por aí, não acudindo, com que a sua bolsa e rendimentos comportem, a sustentar a Sopa dos Pobres e outras obras de caridade que têm sido, e Deus queira que continuem a ser, o beneficio que se tem verificado: um freio a muitos desmandos da fome.

Nós entendemos que a melhor solução para estes problemas consiste em obter dinheiro para sustentar os pobres. É esse dinheiro, indispensavel, tem de ir buscar-se á bolsa de todos que podem, e esses todos não devem regatiar a sua contribuição voluntaria, mas digna das suas posses.

Se ha outra forma de resolver o problema que não seja com dinheiro transformado em alimentos e vestuario e outros meios de assistencia, que seja só com palavras, nesse caso esperamos o milagre.

Assim, é que não pode continuar. É urgente resolver o problema de mendicidade.

Xiszê

Corpo Voluntário de S. Pública

Barcelinhos está em festa no próximo domingo: é lançada a primeira pedra para o Quartel dos seus prestantes bombeiros que são, justamente, o orgulho daquela gente, bairrista a valer, de iniciativa que não esmorece, trabalhando com afan por tudo que seja de utilidade e para engrandecimento da sua terra.

Essa simpática festa, a que assiste a Ex.^{ma} Direcção, Corpo activo e convidados, é ás 15 e meia horas.

O Corpo activo oferece um banquete de homenagem aos illustres Presidente da Direcção e Comandante da Corporação, respectivamente srs. Miguel Gomes de Miranda e Joaquim José de Araújo.

Explicação

O nosso editorial de hoje é transcrito do «Século», jornal que não descura nunca os interesses do Povo.

Pedimos licença ao mencionado diario para o fazer mais vulgarizado.

CASAMENTOS

Na Igreja Matriz, desta cidade, realisoou o seu casamento o sr. José de Matos Maia, empregado do cartório do 1.º officio, desta comarca, com a menina Maria do Carmo Sendim.

No ultimo domingo efectuou o registo civil do seu casamento o sr. António Correia, telegrafista do Caminho de Ferro, com a sr.^a D. Berta da Graça Ferreira da Silva, que já em dezembro do ano findo tinham contraído o Santo Sacramento do Matrimónio.

NASCIMENTO

Por sua esposa, foi presenteado com uma linda menina o nosso amigo e conterrâneo sr. dr. Francisco Miranda Andrade, distinto professor do liceu de Lamego.

Cumprimentamos os pais da neófito e o seu avô paterno, o nosso amigo sr. Fernando Andrade, digno ajudante do Conservador do Registo Predial da comarca.

O MINHO

Exibe-se hoje, no Teatro de Gil Vicente, um interessantissimo documentario sobre o Minho, filmado por iniciativa e sob a direcção da sr.^a D. Amélia Borges Rodrigues, gentilissima embaixatriz da colónia portugueza no Rio de Janeiro.

Este documentario, que está ser agora actualizado e completado, destina-se a ser exibido no Brasil, contando, porisso, um motivo de propaganda de Portugal e, especialmente, da nossa Provincia do Minho. As paisagens mais lindas, os monumentos e os costumes do Minho são focados neste filme de uma maneira impressionante e inêdita.

E' digna dos maiores louvores a feliz iniciativa da Sr.^a D. Amélia Borges Rodrigues, que vem hoje a Barcelos para assistir à exhibição de *O Minho* no Teatro de Gil Vicente. Estamos certos de que êle vai produzir em Barcelos o mais justificado interesse, e que a Sr.^a D. Amélia Borges Rodrigues verá premiado o seu esforço, no sentido de tornar conhecidas no Brasil as belezas do Minho e de recordar aos portuguezes que ali vivem a terra que lhes foi berço.

Banquete de homenagem

Conforme noticiamos, realisou-se ante-ontem na séde social da Associação dos Bombeiros Voluntarios desta cidade o banquete de homenagem, ao 1.º comandante—Manoel Pereira Esteves, comemorativo do 36.º aniversario de comandante e 48.º de bombeiro.

A esta homenagem, que decorreu dentro do maior entusiasmo, faremos a merecida referència, no próximo numero.

NOTA OFICIOSA

A Sub-Comissão de Festas, auxiliar da Comissão de Iniciação e Turismo, reconhecendo a impossibilidade de fazer todos os anos, com o preciso luzimento, as tradicionais Festas das Cruzes, resolveu êste ano, de preferència, engrandecer as Feiras Francas, que na mesma ocasião se realisam—e tam grande atrativo são para o visitante—procurando desta forma reconquistar a grande importância que estas outrora tiveram.

Assim, além dos numeros festivos que oportunamente serão anunciados, as mesmas Feiras serão enriquecidas com um interessante mostruário da industria concelhia, uma nova e melhor orientação será dada ao abarracamento e haverá um grande Concurso Pecuario, com valiosos prémios.

Resolveu mais promover êste ano, no dia próprio, a antiga e imponente Procissão do Corpo de Deus, que há mais de 20 anos se não realisa.

DOENTES

Encontra-se completamente restabelecido, o nosso camarada de redacção e secretario da Comissão Concelhia da U. N., sr. João de Sousa.

—Continua bastante mal, o menino João, filho do nosso amigo e assinante sr. Joaquim Pereira.

No Teatro Gil Vicente

HOJE

O maravilhoso filme

TERRA PORTUGUESA

Reproduzindo varios aspectos da paisagem e da vida minhota, com as suas alegres canções e linda musica.

PAGINA DO CONCELHO

Pouza, 11

No passado dia 3 realizou-se nesta freguesia, a adoração ao S. Sacramento, sendo muito concorrida por fiéis desta e doutras freguesias.

Esteve ao harmonio durante esse acto religioso o sr. Luiz Martins Loureiro, acompanhando os canticos religiosos dos fiéis.

—No dia 8, a altas horas da noite, o nosso reverendo paroco chamado para prestar assistencia religiosa a um enfermo, que felizmente já se encontra de ottima saude.

—O nosso reverendo paroco aguarda o leite bastante encomodado, pelo que lhe desejamos um rápido restabelecimento.

—Espera-se, aqui, brevemente a brigada dos vinhos americanos, a fim de lacrar todo aquele vinho que achar demasiado para o consumo. Oxalá que desta forma se resolva a crise vinicola.

Silveiros, 11

Na paroquial igreja desta freguesia, realizaram-se no passado dia 2 os casamentos do sr. Antonio Miranda Campelo, estimado proprietario, filho dos tambem importantes proprietarios desta freguesia sr. José Joaquim Campelo e da sr.ª Clementina de Araujo Miranda, com a menina Miquelina Pereira de Miranda da considerada «Casa da Quintão» desta freguesia.

—No mesmo dia teve lugar tambem nesta freguesia, o casamento da sr.ª Adelaide da Silva Miranda, da «Casa da Silva», com um estimado mancebo da freguesia de Chorento.

—No domingo, dia 3, em Nine, e com a maior solenidade, realisou-se o enlace do sr. Francisco A. Pires Alves, conceituado comerciante na praça do Porto, com a gentil e prendada menina D. Margarida Aurora da Costa Saldanha, filha muito querida da sr.ª D. Laura Saldanha e do sr. Alfredo Saldanha, funcionario superior dos Caminhos de Ferro do Estado.

Aos noivos desejamos uma ótima lua de mel e as maiores felicidades.

—A passar as pequenas ferias de

A NOSSA LAVOURA

Situação que não se justifica

Diz-se, e com razão, que ninguém pode agradar a todos, ou seja, servir a Deus e ao diabo.

Tal doutrina é um facto que os acontecimentos comprovam dia a dia.

Não é muito, pois, de admirar que no vasto organismo social algumas das suas mais uteis e vantajosas actividades se encontrem sem protecção, ou, pior ainda, como que searas ao abandono, onde os passaros videiros vão buscar a sua bicada para prover ás suas necessidades e proporcionar confortos a uma vida que desconhece asperezas e escabrosidades sem respeito pela lei moral—já não dizemos civil—que dá o seu a seu dono. Basta saber que as leis que regem o complicado e melindroso organismo social são filhas do homem para se saber que são filhas do erro e que, consequentemente, não podem ser justas em toda a sua plenitude.

A actividade rústica, a vida do nosso humilde e laboroso agricultor, desde há muito, entre nós portugueses, é vitima de certas injustiças que se não justificam com boa razão. A lavoura vão-se buscar todas as receitas para luxos, sem valor económico al-

gum, nos grandes centros e sem atender ás possibilidades financeiras do pobre trabalhador do campo. Nota-se por vezes, uma certa especulação por parte de organismos officiais, sobretudo o que diz respeito ao desprotegido lavrador, que se não coaduna nada com a nossa maneira de ver nem mesmo, cremos, com a lei.

Dai vem a razão por que as pessoas do campo emigram, indo no estrangeiro consumir as suas energias em serviço menos dignos do que os da lavoura, mas mais lucrativos, e os filhos de lavradores remediados procuram preparar-se para um emprêgo que lhes garanta melhor remuneração do seu trabalho. E assim, temos assistido em Portugal a uma deplorável degenerescência da nossa lavoura, embora continue a dizer-se e a considerar-se que o país é essencialmente agricola.

Tal como as coisas se encontram, a vida da lavoura não é de cubiçar. Vejamos.

Um lavrador colhe, por exemplo, de cereais—milho centeio e feijão—

Continua na 6.ª página

Carnaval, estiveram entre nós os intelligentes académicos e nossos presados amigos srs. Jaime e Serafim Miranda.

—Do Porto, onde foi com sua ex.ª mãe gozar junto dos seus, as mesmas ferias, regressou a digna professora desta freguesia.

—Aguarda-se hoje ou amanhã, a brigada dos vinhos americanos nesta freguesia. A existencia desse vinho aqui é diminuta, devido a ter-se intensificado a enxertia.—C.

Vila Cova, 13

Foram batizados: Paulino, filho dos srs. José Alves Branco e Rosa de Sousa Matos; Maria Amélia, filha dos srs. Rafael Martins Vilas Boas e Irene Faria da Costa; e Carolina Augusta, filha dos srs. Paulino Alves Branco e Justina Fernandes Novais.

—Pelos laços matrimoniais uniram-se os srs. Armindo do Vale Barroso e Justina Mendes Miranda.

—Anda-se com as primeiras sementes de batata. Parece que muitos vão fazer larga sementeira deste tuberculo, pois estão a fazer larga aquisição de sementes e de adubos. Por ora, não há o perigo da super-abundancia, ao contrario do que acontece com o vinho e com o trigo.

E tambem é conveniente que se melhore o cultivo do milho, porque deste cereal, de primeira necessidade entre nós, ainda há falta.

—No transacto domingo, leu-se e explicou-se nas missas, em obediencia ás ordens de Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor Arcebispo, a Provisão sobre N.ª Senhora do Alívio, Soutelo.

—A 12, receberam a sagrada comunhão por desobriga, em suas casas, os srs. Rosária Barbosa, Manoel Teotónio Mendes do Vale, Maria do Vale Rosendo, Antonia Maria Alves e Joaquim Manoel Novais.

—Encontra-se mal a sr.ª Violante Mendes do Vale. O seu estado permitiu que se lhe administrasse apenas a Extrema-Unção.

—Já se principiou por aqui com o serviço de enxertia.

—Encontra-se transtornado do uso da razão o sr. Luiz Alves Rosa.—C.

ASSINANTES DO CONCELHO

A todos os nossos amigos do concelho encarregados da cobrança das assinaturas do nosso jornal, comunicamos que por estes dias vamos enviá-lhes os respectivos recibos de fim de ano. Aos que ainda teem recibos da ultima cobrança pedimos o favor de os virem entregar, pagos ou por pagar, para assim podermos tirar os da presente cobrança.

A todos os assinantes, tambem do concelho, onde ainda não temos pessoa encarregada de fazer a cobrança, pedimos o favor de virem pagar as suas assinaturas á tipografia do nosso jornal, em frente ao Correio Geral.

Camara Municipal

Extracto da acta da sessão de 18 de Fevereiro de 1935

Aos 18 dias do mês de Fevereiro do ano de 1935, nesta cidade de Barcelos, edificio municipal e sala das sessões reuniu a Comissão Administrativa Municipal, sob a presidencia do Ex.º Sr. Miguel Gomes de Miranda, estando presentes os Ex.ºs vogais José Gomes de Souza, António Gomes de Faria Rêgo e Padre Domingos Rodrigues Neiva Duarte Pinheiro. Por motivos justificados, não compareceram os vogais Dr. José Constantino Lopes Rodrigues, vice-presidente, Francisco José Monteiro Torres, Joaquim José de Oliveira, secretário e José de Bessa e Menezes, vice-secretário, sendo o primeiro, por se achar em gozo de licença. Depois de dada a hora fixada para as sessões, pelo Sr. Presidente foi declarada aberta a sessão em nome da lei. E eu, Chefe da Secretaria, li perante todos a minuta da acta da sessão anterior que foi aprovada.

EXPEDIENTE

Foi presente o balancete do cofre municipal relativo á semana última, acusando um saldo em dinheiro de 57.670\$49.

Foram autorizados os documentos de despeza n.ºs 989 a 1014, inclusive, no valor total de 12.921\$91.

POSTURA MUNICIPAL

Pelo Sr. Presidente foi dito em se-

guida: Atendendo a que os cães que vagueiam pelas ruas da cidade, embora com açamos, causando estragos nos jardins públicos e outros abusos que não devem admitir-se, e competindo ás Câmaras fazer posturas e regulamentos para impedir a divagação pelas ruas e mais lugares públicos de animais nocivos (n.º 4.º do art.º 97 da lei n.º 88), proponho que se estabeleça a seguinte postura municipal, dando-se-lhe a devida publicidade: «É proibido o trânsito de cães nas ruas e largos da cidade, que não sejam acompanhados por pessoas que os conservem sempre presos, sob a pena de multa de 20\$00, elevada ao dobro em caso de reincidência». Esta proposta foi aprovada por unanimidade.

ASSISTÊNCIA JUDICIÁRIA

Foi presente um requerimento de Maria Gonçalves Bastos, casada, da freguesia de Aldreu, pedindo que a Câmara certifique, para efeitos de assistência judiciária, qual a sua situação económica. Foi resolvido certificar que a requerente é pobre, não tendo meios bastantes para custear as despezas com qualquer pleito judicial.

ADICIONAIS SÔBRE AS CONTRIBUIÇÕES DO ESTADO

Foi resolvido cobrar no próximo ano económico as seguintes percentagens adicionais ás contribuições do Estado: 65% sôbre a contribuição predial urbana; 30% sôbre a contribuição predial rústica; 30% sôbre cada um dos grupos da contribuição in-

dustrial; e 30% sôbre o imposto profissional (profissões liberais). Estes adicionais são os mesmos que têm sido cobrados pela Câmara nos últimos anos e no corrente.

ESCOLA MIXTA DE PARADELA

Foi presente um officio do Sr. Inspector da Região Escolar pedindo termos de responsabilidade assumida por esta Camara quanto aos encargos a que se refere o art.º 3.º do Decreto n.º 20.181, relativamente á escola mixta da freguesia de Paradela. Foi resolvido assumir esta responsabilidade a partir do próximo ano económico.

OFICIOS

Do professor da escola de Roriz, pedindo o fornecimento de 12 carteiros novas. Tomado em consideração.

Do Corpo Voluntário de Salvação Pública Barcelinense, comunicando que foi eleito segundo Comandante do corpo activo daquela Corporação o Sr. António Augusto Veloso de Araújo. Inteirado.

Do Director Geral dos Edificios e Monumentos Nacionais, comunicando que, por portaria de 29 de Janeiro findo, foi prorrogado por seis meses o prazo concedido a esta Câmara para a «obra de alargamento da R. Visconde S. Januário e Largo Fronteiro á Igreja Matriz de Barcelos». Inteirado.

Do Director Geral dos Edificios e Monumentos Nacionais, comunicando que, por portaria de 29 de Janeiro findo, foi prorrogado por mais seis

meses o prazo para a obra de «Construção de um Edificio para a Escola Secundária». Inteirado.

REQUERIMENTOS

De João Beleza de Almeida Ferraz, inspector municipal de sanidade pecuária deste concelho, pedindo que lhe seja passado documento comprovativo do tempo de serviço, e bem assim da forma como foi prestado. Foi resolvido por unanimidade certificar que o requerente tem desempenhado as funções do seu cargo com assiduidade e demonstrado no seu exercicio competencia, intelligencia e qualidade de trabalho. Mais foi resolvido autorizar o sr. Chefe da Secretaria a passar certidão do tempo de serviço prestado pelo requerente, e bem assim certidão da parte da acta da sessão de 14 de Janeiro de 1929 referente ao requerente.

De João Beleza de Almeida Ferraz, médico veterinário, da freguesia de Barcelinhos, desta cidade, pedindo que a Câmara certifique qual o seu comportamento moral e civil. Foi resolvido por unanimidade certificar que o requerente é bem comportado moral e civilmente.

De José Vieira Veloso, desta cidade, pedindo que sejam cancelados os fóros que incidem sôbre os terrenos da freguesia de Arcozelo que ce-deu para alargamento da R. Elias Garcia, Av.ª da Estação e R. transversal desta para o Campo da Liberdade. Ao Sr. Chefe da Secretaria, para informar.

De Manuel Pacheco de Carvalho,

Reunião de Curso

Hoje, em Viana do Castelo, reúne o curso teológico que frequentou o Seminário de Braga em 1901 a 1903.

Desse curso fazem parte o Ex.^{mo} Sr. Arcebispo Primaz e o Rev. Arcipreste deste concelho Sr. Abade Rios Novais e o Reitor de Silveiros Sr. Padre José Pedro da Silva Rodrigues.

Sua Excelencia, o Sr. Arcebispo, celebra missa pelas almas dos Prelados, Professores e Discipulos falecidos e haverá um jantar de confraternização no Hotel de Santa Luzia.

A NOSSA LAVOURA

Continuado da 5.ª página

doze carros de medidas. Colhe, também, quando for ano afortunado, doze pipas de vinho. Admitamos ainda, mas isto raras vezes acontecerá, que tira em lucros de gado mil escudos. Isto tudo são os produtos para que o agricultor trabalha todo o ano, mas que infelizmente falham muitas vezes. Ora, para trabalhar uma quinta como a deste exemplo, quinta fragmentada, toda parcelada, como geralmente são todas cá no norte, são bem necessários 7 pessoas de trabalho.

Metade dos cereais e do vinho são para o consumo das pessoas que trabalham a quinta. Restam, consequentemente, seis carros de milho e seis pipas de vinho para vender. Vendendo o milho ao preço corrente, mais ou menos, 12\$00 cada alqueire, apura-se nos 6 caros 2.880\$00. Vendendo as 6 pipas de vinho a 200\$00 cada, actualmente não dá mais, apura-se 1.200\$00. Tirando de lucros no gado 1.000\$00, um lavrador com uma quinta destas apura dos seus trabalhos, 5.080\$00. Tira deste dinheiro, 800\$00 pouco mais ou menos, para pagar as suas contribuições. Tira mais 500\$00, suponhamos, para comprar adubos, sulfato, cal, enxofre, etc. Isto são despesas certas com que o lavrador conta sempre e tem de fazer sempre, quer a quinta produza quer não.

Deduzindo estas despesas, restam ao lavrador 3.780\$00, que, divididos pelas 7 pessoas que trabalham um ano inteiro, noite e dia, para auferir

desta cidade, pedindo que sejam ultimadas as obras do Talho n.º 2, comprometendo-se a realizar as obras á sua custa, descontando a sua importância no desconto semanal. Resolvido fazer oportunamente a obra por conta da Câmara.

De Ana da Graça Correia, desta cidade, pedindo que lhe seja arrendada a barraca do Mercado com o n.º 48 e 49. Deferido, pela renda mensal de 50\$00 e ficando o Sr. Presidente encarregado de outorgar na respectiva escritura.

De Sebastião Rodrigues da Costa, casado, desta cidade, pedindo licença para construir três moradias na Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, e para depositar materiais e fazer as ligações de saneamento ao colector geral. Resolvido convidar o requerente a satisfazer as exigências constantes do parecer da Repartição Técnica.

De Joaquim Ferreira da Cunha, da freguesia de Carapeços, pedindo licença para construir uma galgadeira no lugar da Areosa. A Junta de Freguesia, para informar de novo, tendo em consideração o requerimento apenso, de Manoel Rodrigues Correia.

Da Direcção do Corpo Voluntário de Salvação Pública Barcelinense, pedindo autorização para construir uma casa para sua sede e depositar materiais, independentemente de qualquer licença atendendo aos fins da corporação. Deferido, nos termos requeridos é de harmonia com a informação do Sr. Engenheiro.

De Antonio Rodrigues de Campos,

AVISO

Augusto Gonçalves, electricista avisa os seus ex.^{mos} amigos e clientes que mudou o seu estabelecimento de materiais electricos para a rua Manoel Pais, em frente ao Recolhimento do Menino Deus.

COMARCA DE BARCELOS

ANUNCIO

1.ª publicação

Para os devidos efeitos se anuncia que por sentença de de 2 do corrente, foi declarado interdito por demência Tomaz José de Araújo Veloso, solteiro, menor pubere, residente nesta cidade com o requerente seu pai José Vieira Veloso, viúvo, também desta cidade.

Barcelos, 7 de Março de 1935.

O Chefe da 2.ª secção:

Delfino de Miranda Sampalo

Verifiquei.

O Juiz de Direito:

A. de Palhares Falcão

ARMAZEM

ALUGA SE um na rua Barjona de Freitas.

Para tratar: Emilio Moreira—«Casa Tomaz».

aquele luero, dá a cada um a insignificancia de 45\$00 por mês ou 1\$50 por dia.

Deste dinheiro há-de o agricultor comprar o que a quinta lhe não dá e que é imprescindível á vida: bacalhau, arroz, açúcar, etc. Deste lucro convidativo, hão-de as pessoas vestir-se e calça-se!... e tratar-se de qualquer doença!!!...

Diga-me quem quizer, é isto cubitar?

Do «Diário do Minho»

da freguesia de Cossourado, pedindo licença para vedar o seu prédio no lugar do Paço e para depositar materiais.

De Manoel Rios Pacheco, da freguesia de Macieira, pedindo licença para construir uma parede no lugar dos Engenços e para depositar materiais.

De Maria Luiza Monteiro, da freguesia de Alvélos, pedindo licença para construir uma casa com isenção de licença visto ser pobre.

Os dois primeiros requerimentos foram deferidos, sem prejuizos de terceiros e de harmonia com as informações, e último foi também deferido nas mesmas condições, e sem isenção de licença.

De Padre Agostinho Matos Lopes de Almeida, da freguesia de Areias de Vilar, pedindo licença para reconstruir a parede do seu prédio «Pendenças», no lugar de Bouças e para depositar materiais.

De Manoel Ferreira Ribeiro, da freguesia de Vilar do Monte, pedindo para construir uma casa torre no seu prédio «Bouça da Pôça», e para depositar materiais.

De Manoel José Barbosa, da freguesia de Chavão, pedindo licença para construir uma ramada no seu prédio denominado «O Padrão».

Estes três requerimentos foram deferidos, sem prejuizos de terceiros e de harmonia com as informações.

Nada mais havendo a tratar, pelo Sr. Presidente foi declarada encerrada a sessão em nome da lei.

Serviço da República

EDITAL

Declaração de existência de azeite

Francisco José Monteiro Torres, Administrador do Concelho de Barcelos:

Faço público que, nos termos do artigo 1.º do decreto n.º 25.093, todos os produtores, fabricantes e armazenistas de azeite são obrigados a declarar, até o dia 17 de Março de 1935, as quantidades do referido produto que tenham em seu poder ás zero horas do dia 15 do mesmo mês.

Mais torno público, nos termos do artigo 2.º do referido decreto, que a doutrina do artigo 1.º é aplicável aos comerciantes retalhistas possuidores, na data fixada, de mais de 500 litros de azeite.

Aqueles que não declararem serão punidos com a multa de 20\$00 a 100\$00. Os que fizerem falsas declarações serão punidos com a multa de 100\$00 a 500\$00, conforme a gravidade da culpa.

Nesta Administração distribuem-se, pelos interessados que os requisitarem, impressos próprios, cuja falta de modo algum justificará, porém, a demora das declarações que podem ser feitas em papel comum mas obedecendo ao modelo impresso.

E eu, Antonio Pedrosa Pires de Lima Chefe da Secretaria o subscrevo.

Administração do Concelho de Barcelos em 12 de Março de 1935.

O Administrador do Concelho,
Francisca José Monteiro Torres

MANTEIGA

DA COOPERATIVA DE LATICINIOS DA RIBEIRA DO NEIVA

Por ser a melhor e a mais pura vende a

«CASA TOMAZ»,

Unicos depositarios nesta cidade.

PINHEIROS

Nas bouças da Quinta de Paço Velho, a 2 quilómetros de Barcelos, vendem-se 2.889 pinheiros, que estão marcados. Para tratar com Dr. Lima Torres—Barcelos.

JULGAMENTO

Teve ontem o seu epílogo no Tribunal o celebre crime de Mariz.

Em julgamento de tribunal colectivo,—presidido pelo Meretíssimo Juiz desta comarca sr. Dr. Antonio Xavier de Palhares Nogueira Falcão e tendo como adjuntos os meretíssimos Juizes de Viana do Castelo sr. Dr. Joaquim Batista de Oliveira Mourão e de Caminha sr. Dr. Diogo Osorio da Cunha Dá Mesquita, representando o M.º P.º o

COMARCA DE BARCELOS

ANUNCIO

1.ª publicação

Nos termos e para os efeitos do disposto no artigo 134 do Decreto 21.287 se anuncia que em 7 do corrente, foi distribuída á quarta secção judicial uma acção de interdição por demencia contra D. Emilia Rosa de Abreu do Couto Amorim Novais, solteira, proprietária, da freguezia de Balugã, desta comarca.

Barcelos, 12 de Março de 1935.

O Chefe da 4.ª secção

José Casimiro Alves Monteiro

Verifiquei:

O Juiz de Direito

Teotónio da Fonseca

Gato francez

Desapareceu um todo branco, pertencente ao sr. Antonio Fernandes Correia. A quem o achou pede-se o favor de o entregar, gratificando-se por tal motivo.

PASSA-SE

Estabelecimento de mercearia, vinhos e comidas, situado nos arrebaldes desta cidade. Também se vende o prédio convido. Nesta redacção se informa.

Castanho em toros

Compra a Fábrica da Granja—Barcelos.

Vende-se

A casa que foi do falecido Comendador Manoel Gomes Ferreira da Costa.

E' situada na Campo de S. José, com os n.º 64 e 66.

E' uma das melhores casas da cidade e tem um grande quintal com boas ramadas e poço.

Trata-se com o solicitador Manoel de Faria.

Casa e quintal

Vende-se casa e quintal com ramadas e algumas fruteiras, em Vila F.ª S. Martinho lugar da Agrela, junto á estrada. Quem pretender dirija-se a Antonio de Jesus Mano, na mesma freguesia.

Sub-Delegado sr. Dr. Alexandre Sá Carneiro, um novo cheio de talento—respondeu António Miranda de Carvalho, acusado de ter assassinado o irmão José Miranda de Carvalho. O reu foi condenado a 4 anos de prisão maior celular ou na alternativa a 6 anos, 8 meses e 3 dias de degredo, 1.000\$00 de imposto de justiça e 15 contos de indemnização para os representantes da vitima. A defesa esteve a cargo do Sr. Dr. Ferreira Pedras, advogado que é sempre ouvido com agrado.